

Redacção, Administração e Composição—Rua Barjona de Freitas, n.º 26—28 Tel. 8310—Barcelos

SEMANARIO REGIONALISTA! POR PORTUGAL! — POR BARCELOS!

Impressão—Companhia Editora do Minho Rua D. António Barroso—BARCELOS

Trimestre, 10\$—Semestre, 20\$—Ano 35\$
 ASSINA- Estrangeiro (excepto o Brasil) 60\$
 TURAS: Africa e Açores 40\$
 (Pagamento adiantado)

Adm., Prop. e Director: *Rogério Calás de Carvalho*
 Editor: *José Lucindo Cardoso de Carvalho*

Numero avulso—1 escudo
 Os Snrs. Assinantes gosam o desconto de 20 %.
 ESTE N.º FOI VISADO PELA CENSURA

SABADO, 27 DE AGOSTO DE 1955

MUTAÇÕES DO FÍGARO

Tibúrcio, mestre barbeiro de impagável apresentação, rico de salamaleques, sempre bem falante, de pitoresca verborreia, que já alimentou ideias libertárias e disqueteava com ares doutorais a sua abracadabrante filosofia, está hoje completamente curado dessa moléstia, depois do internamento prolongado em um conhecido e excêntrico sanatório, onde, por o caso ser bicudo, não lhe faltou uma dieta apropriada com o esquisito mas eficaz prato de «farinha de pou»...

Hoje é a antitesse do que era ontem. A sua conversa alvica-reira e agradável.

Fala sobre música, trauteia ou assobia com êntase trechos do «Barbeiro de Sevilha», discute literatura, conhece de nome alguns escritores clássicos e modernos, aborda assuntos de física nuclear, enaltece os pioneiros dessa ciência, diz que é moleiro em questões financeiras e, por fim, na doce língua de Molière, já tem tiradas de respeito, ou ele não fosse assíduo aluno das aulas nocturnas do Instituto Francês.

Em matéria política, é um defensor acérrimo do sistema capitalista e afirma-se um indefectível militante...

Para o mestre navalha, o dinheiro é um Deus omnipotente..., capaz de salvar o mundo e levar os homens ao paraíso...

E' certo que o caminho para se encontrar o velo de ouro, para aqueles que não tiveram a sorte de nascer ricos, é íngreme, cheio de precipícios e, portanto, perigoso — costuma sentenciar. Porém, as mercês que a burra bem rechada de numerários nos concede, compensa todos os sacrificios, todos os tormentos da nossa vida...E, simultaneamente, num esgar cómico, friccionando o polegar com o indicador da dextra, em alusão metafórica ao dinheiro, virá-se para a freguesia e profere o seguinte estribilho:— Acima de Cristo isto!

Na sua filosofia materialista, está sempre a buzinar, a cada instante, aos ouvidos da clientela que para se conquistar as boas graças do ditador é necessário estar alerta: pôr os escrúpulos de remissa, afogar os sentimentos de ternura e compaixão, repelir a lealdade da nossa consciência e desenvolver toda a espécie de sofismas, enfim, ter alma de tartufo! Só com tal estratégia se poderá canalizar o rio das nossas ambições, em direitura — mar do nosso egoísmo, para gozarmos, com euforia, o produto do nosso trabalho e contemplarmos, em êxtase, os largos horizontes das

Atitude de inteligência e de brio

Perante os anúncios e ameaças do inqualificável procedimento de desrespeito á soberania portuguesa do Estado da Índia, o Governo português apresentou á União Indiana uma advertência e apelo para que se evitasse a violação das fronteiras do Estado Português da Índia por massas de invasores em atitude agressiva e com propósitos sediciosos. Não foi o Governo Português atendido, e a violação deu-se, podendo e defendo ter sido evitada pelo Governo da União Indiana.

Vários milhares de indivíduos entraram por diversos pontos nos nossos territórios com intenções belicosas, chegando a abrir valas para se entrincheirarem. Esgotados os meios suasórios por parte das nossas autoridades para os deter ou impedir na sua ofensiva, tornou-se indispensável o emprego das armas para os expulsar e repelir. Foram deste modo as autoridades portuguesas obrigadas a defender-se da violência pela violência.

Houve, pois, como era de prever, a lamentar mortes e ferimentos do que cabe inteira responsabilidade a «quem tem executado, consentido e favorecido a invasão», conforme os termos expressos no comunicado conjunto dos Ministérios dos Negócios Estrangeiros e do Ultramar.

O protesto do Governo Português ao Governo da União Indiana usa da maior clareza e dignidade conservando, como todos os documentos oficiais sobre o assunto, a correcção que a nossa educação e nível de civilização impõem e consideramos tão necessária nas relações dos indivíduos como nas dos povos. A Índia deve saber pela sua própria história, que os portugueses não esquecem o seu dever e o seu brio, perante ameaças da força bruta. O seu Chefe de Governo, porém, supõe que os seus processos da mais admirável perspicácia, são suficientes para se impor ao Mundo e que possui o poder de modificar as normas e princípios que regem as relações dos Estados, como um reformador potente e genial, que vem dar novas lições ao Mundo. Ilude-se o inferior estadista nas suas suposições. Há só uma maneira de negociar—a estabelecida—com inteligência e lealdade.

Em matéria internacional só se não compreende o que é conveniente não compreender. Não há paz possível se não for sinceramente desejada. E só se obtém, havendo o respeito e reconhecimento dos direitos alheios. Palavras a contrariarem os actos e acções, desautorizam, desacreditam, e só contribuem para excitar os ânimos e cavar ódios. Há momentos em que a verdade é indispensável.

Desanuviar confundindo e ameaçando, não tem senso. Só pode explicar-se para ocultar tendenciosos propósitos. Temos bem perto de nós os horribéis resultados, as desoladoras consequências da política hitleriana. Uma exigência trazia consigo outra exigência. E a satisfação das suas exigências, afinal, só animava a sua ambição e a confiança para pedir ou exigir mais, sempre assente em hipotéticos direitos e razões. Ceder não era, nem podia ser uma solução de paz perante a ambição insaciável. Ceder é consentir, concordar, temer e até uma injustiça e uma desonra em certas circunstâncias.

Assim cabe-nos expressar a nossa gratidão e apreço pela forma inteligente e digna como o Governo Português tem procedido na defesa dos direitos e da dignidade nacionais no lastimável caso da Índia.

VASCO DE MENDONÇA ALVES

DR. FRANKLIN NUNES
 Foi com a maior satisfação que recebemos, nesta Redacção, a amiga visita do nosso respeitável e querido Colaborador, Sr. Doutor Franklin Nunes, distinto Professor no Porto, abalizado Médico e ilustre Director Clínico do Dispensário de Infância da Cidade Invicta.
 Ao prestigioso Cirurgião, que vai gosar merecidas férias para Fão, apresentamos afectuosos cumprimentos.

nossas possibilidades, do prestígio que nos cerca perante as massas. Só o sortilégio do vil metal tem o condão de criar este panorama e, ao mesmo tempo, converter-se na melhor esponja para apagar as manchas das manigancias e das patifarias que se fizeram e continuam a fazer-se, concedendo-nos até, se preciso for, a auréola da santidade...

O figaro, agora, já tem muitas propriedades urbanas e rústicas e dinheiro a juros.

Bem diz ele que é perito em finanças.

A sua barbearia está bem montada, mas é quase uma espécie de *brica-brac*.

Negocia em jornais, revistas, gravatas, perfumes, anzóis, tecidos, rádios, bugigangas, etc.

O nosso homem tem bossa

DR. JOSÉ D'ALPOIM
 Deu-nos a honra de vir a esta Redacção apresentar-nos cumprimentos, gentileza que agradecemos, o nosso respeitável amigo e prezado assinante, Sr. Dr. José d'Alpoim Sobrinho, distinto Médico em Viana do Castelo e ilustre Presidente da C. de Assistencia na mesma cidade.

para o negócio.
 E' quase um cavalheiro...de industria...

Cria caixas de vinte amigos, promove excursões...
 Empresta dinheiro a 50% e mais.

Quando os seus empréstimos estão em perigo, não faz mossa em aconselhar o devedor a burlar terceiros para que o fundo periclitante que lhe diz respeito se não perca e entre outra vez na bolsa do agiota para nova especulação.

E' um habil malabarista. Mas já tem tido alguns percalços. Duma vez escamoteou um anel de ouro a um colega e doutra pifou uma galinha a um vizinho. A proeza foi descoberta e deu-lhe bons amargos de boca. Não se cansa de dizer que todos os officios têm os seus ossos. Dá conselhos de arromba e fala sempre de «ex cathedra»!

Ainda há pouco, chegou-se á porta do seu estabelecimento uma rapariga nova, por sinal bonita, com um filhito ao colo a pedir esmola.

Resposta seca e fulgurante do figaro:—«Não pode ser. Retire-se. Não queira explorar a caridade pública. Você não precisa de pedir porque traz o ganha pão consigo. Vá vender a sua mercadoria. Não lhe devem faltar fregueses que lha paguem bem paga».

Um cliente do barbeiro, ferido na sua sensibilidade moral, não se conteve e retorquiu-lhe: «Isso não são coisas que se digam. Você gostava que fizessem igual proposta a sua mulher ou ás filhas, se as tivesse»?

Réplica imediata do mestre tesoura:

«Não se irrite, senhor Lourenço. Calma, muita calma. Não julgue que a minha cara-metade me abalava a honra, se fizesse contrabando. Fosse ele vantajoso...A nossa sociedade só tem um objectivo—elevar o capital.

A ética dos indivíduos é elastica. Veja como a moral varia de latitude para latitude e conforme os costumes e usos dos povos. Já vê que o apodo de minotauro não me causaria a menor impressão. E' certo que cada um come do que gosta.

Em referència a filhas ou filhos, isso é lepra de que está imune a minha empresa conjugal. Sei evitá-los. Conheço bem os processos de Malthus, criador da benemérita doutrina dos casais que querem enriquecer e gozar a vida, livre de empecilhos filiais e de preocupações.

Só os troixas é que pensam e obram de maneira diferente.»

Tosquiando a clientela, eis os argumentos cínicos do nosso heroi, que já advogou teorias igualitárias e agora se afirma um hábil argonauta a navegar nas águas tranquilas e sedutoras do oceano capitalista...

Prof. S. A.

Recordações... lembradas

Figura imbele, que lembrais? Ternos arrulhos joviais?

Lembrais assim verdes esperanças Que vão e deixam só lembranças?

Figura imbele e curcuvada, Que semelhaste rósea jada,

Onde o vigor dos olhos belos E a negra cor dos teus cabelos?

Onde o carmim dos lábios teus Lindo bouquet feito por Deus?

Onde esse mimo, essa frescura? Levou-os a idade—com uzura.

Esbelta, esbelta... então formosa Figura ativa e caprichosa,

Que é desse vulto e dessa «linha» onde a beleza se mantinha?

Noites de baile, assás garridas, Noite d'encanto e divertidas

Já da manhã o rosicler... Findava o baile em Almoester.

Na contradança rodiptando Dançavam pares—iam marcando.

Noites de vida... a vida em flor! Da mocidade o seu julgor.

Recordações que desvanecem... Noites de fé...em nada esquecem.

A vida passa—o tempo a leva... Só a saudade é luz na treva.

Agora...adeus, ó mocidade Sem os reflexos dessa idade!

Os versos meus, que mal agetto Saem da alma em môr respeito.

Só o respeito os inspirou E a vossa «fala» os motivou.

Escrito no Moinho d'Ordem Vale de Santarém

JOÃO D'ALDEIA

DR. SEBASTIÃO BRITO
 Acompanhado de sua Ex.^{ma} Irmã, esteve nesta Redacção, a apresentar cumprimentos, o nosso ilustre conterrâneo e prezado amigo, Sr. Dr. Sebastião Maria Miranda Aviz Pereira de Brito, inteligente Bibliotecário da Biblioteca do Ministério da Educação Nacional, em Lisboa. Agradecemos.

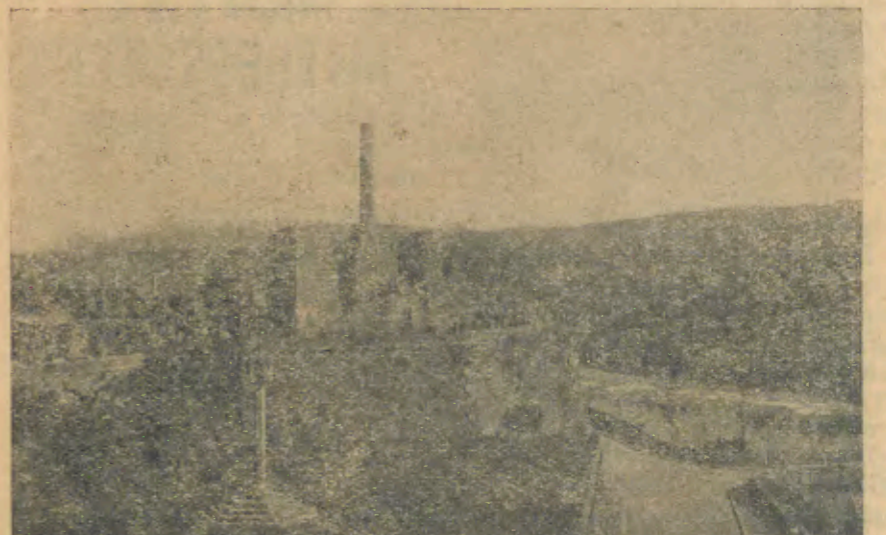
D. Noémia Soares César Guerreiro...

Poetisa de Notável Merecimento Por SOEIRO DA COSTA

A Imprensa Regional—e dela o portavós «O Barcelense», tem uma alta compreensão do seu papel, não melhor, em elevar, bem servir e melhor contribuir para o Progresso Mental, Moral e Material das populações e locaes que serve. E, assim, aproveita, interessa, selecciona e estimula, como premio, os valores de alta valia,



BARCELOS—Azenhas de St.º Antonio de Vessadas, no Rio Cávado



BARCELOS—Um aspecto do Palácio dos Condes-Duques

